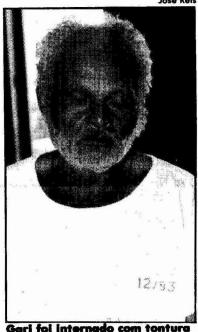
## Gás exala de lixo e intoxica seis garis

Seis funcionários do Serviço Autônomo de Limpeza Urbana (SLU) do Paranoá intoxicaram-se, ontem, com um gás desconhecido, que exalou do caminhão coletor, por volta das 10h30, depois que alguns frascos se quebraram durante a compactação do lixo. Foram internados no HRAN, com tontura, dores de cabeça e vômitos, onde permanecem em observação. A 10ª Delegacia de Polícia (Lago Sul) abriu inquérito para apurar as responsabilidades do acidente.

A Secretaria de Segurança Pública montou uma grande operação para desvendar o mistério dos produtos químicos, sem pôr em risco a saúde dos moradores e curiosos. Isolou toda a área próxima ao Caic, com agentes da Defesa Civil e soldados da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros, para esvaziar o caminhão de lixo, que ficou estacionado por mais de cinco horas no pátio do distrito do SLU.

Vestidos com roupas especiais - as mesmas que foram usadas durante o exame da caixa d'água do prédio da Encol, no Setor Comercial Norte, onde morreram dois bombeiros — um soldado e um motorista deram início à descarga do caminhão, sob o olhar apreensivo dos agentes.

Química — Na caixa com os produtos tóxicos os técnicos do Instituto de Criminalística (IC) encontram sete frascos de paraformoldeído, oito de tinta de impressão para máquina offset, um vidro de tinta acrílica, dois frascos de essência (terebintina) e dois de tinta. Todo o material foi levado para o IC onde será



examinado e, posteriormente, emitido o laudo técnico.

Foram internados no HRAN o motorista do caminhão, José Roberto Dutra, os garis Raimundo Ribeiro Mendes, Francisco Pereira Filho. Antônio Pereira Borges, João Evangelista da Silva e a servente Marlene Maria da Silva. Segundo o chefe de plantão no hospital, Lélio Queiroz, todos passam bem e serão liberados hoje. Não sofreram qualquer lesão no organismo com o produto aspirado.

O gari Antônio Feliciano Borges, 61 anos, disse que nunca sentiu um cheiro tão forte em sua vida, que ardiam as narinas. "Nos 11 anos em que trabalho no SLU nunca lidei com nada parecido, nem mesmo os animais mortos que coletamos".